



## Escritos lidos

## MEMÓRIAS COLONIAIS

**As Voltas do Passado – A Guerra Colonial e as Lutas de Libertação**

MIGUEL CARDINA e BRUNO SENA MARTINS (Org.)

Tinta da China, Lisboa, 2018, 360 pp., € 17,90.

As guerras começam antes de terem começado e resta saber se cessam os seus ecos. Quanto à guerra colonial/lutas de libertação, o título do *Expresso* de 16 de Setembro de 2015 foi emblemático: «O primeiro tiro da guerra foi uma lança» (p. 116). Se a violência da dominação colonial portuguesa fora contínua, a visibilidade da resistência – que não desmente a existência de outros formatos, rotineiros, simbólicos, ritualizados, num tempo longo – precisara de amadurecer, dentro e fora das antigas colónias, nos campos do Tanganhica ou do Quênia, ou na Casa dos Estudantes do Império, até se transformar em lutas de libertação nacional.

Miguel Cardina e Bruno Sena Martins são investigadores do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, associados aos projectos *CROME – Memórias cruzadas, políticas do silêncio: as guerras coloniais e de libertação em tempos pós-coloniais*, e *ECHOES – Historizar Memórias da Guerra Colonial*, financiados pelo Conselho Europeu para a Investigação e pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Centram-se nas memórias coloniais e da guerra de libertação/colonial, e é do saber acumulado no âmbito dos projectos que resulta o desafio, feito a 51 autores e autoras, de proveniências geográficas, disciplinares e geracionais diversas, para cruzar memórias da guerra. A partir de 47 eventos que deixaram lastro, é «um livro sobre o lugar da memória e do esquecimento da Guerra Colonial e das lutas de libertação na definição do Portugal democrático e pós-colonial, e na constituição dos antigos territórios africanos em Estados independentes: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe» (Cardina e Martins, p. 18), no qual se percorre o estertor de um império, com o lastro da

guerra, nuances, sombras, silêncios, imagens dúbias, em dois sentidos.

Trata-se de uma obra fundamental, que permite perceber o esforço que esta mesma guerra representou: em termos humanos, foi cinco vezes superior ao que os Estados Unidos mobilizaram para o Vietname (Cardina e Martins, p. 11), tendo provocado mais de 8500 mortos, cerca de 30 mil feridos, 4500 mutilados, 14 mil deficientes físicos e mais de 100 mil indivíduos afectados pela Perturbação de Stress Pós-Traumático. A guerra foi um fenómeno partilhado, em torno do qual as memórias individuais, com vários suportes de fixação, são ecos de memórias colectivas, que correspondem aos grupos que produzem os sujeitos. Por outro lado, essas memórias colectivas defrontam-se, negociam, remetem-se ao silêncio ou rebelam-se em relação aos usos públicos do passado, em resultado de consensos hegemónicos, dependentes de correlações de forças e de «sublevações da memória», quando há vivos que desmentem versões que se vão edulcorando e oficializando, ou quando há gente jovem que procura um passado portátil e quer escolher a sua herança. As características do processo de transição para a democracia em Portugal, através de um golpe militar, explicam muitos dos indizíveis da guerra, como os massacres ou a deserção, conquanto tenha havido perto de 9000 desertores, os refractários tenham sido entre 10 e 20 mil, e 200 mil tenham escapado à inspecção – ou seja, 20% dos rapazes da metrópole.

«Para Angola, rapidamente e em força», clamava Salazar em 13 de Abril de 1961, pouco antes da saída do primeiro contingente de tropas. Nesse ano, embarcariam 33 mil homens, os primeiros dos 800 mil enviados durante os 13 anos de duração da guerra. O choque da guerra impulsionalizava um colonialismo modernizador capitalista, que deixou um rasto na memória, presente hoje em alguns escaparates de livraria, sobre os «bons tempos» de Angola ou de Moçambique.

Num momento em que irrompe algum debate, com diversos investigadores a interrogarem alguns silêncios em torno dos lados mais escabrosos de certas voltas do passado, esta obra questiona vários modos selectivos de uso da memória. Com ela, através de narrativas diversas e em contextos multi-situados, acedemos aos ecos atuais e às releituras de um tempo pretérito, através de múltiplas reflexões sobre memórias dominantes e subalternas, fortes e fracas, difíceis e heróicas, que incomodam ou dão alento, que ficaram retidas ou que são exibidas ou encenadas. Afinal, o passado é um artefacto do presente. ■